Armanda Duarte

Fidelidade Mundial chiado8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Chiado 8 – Arte Contemporânea, inaugurado em Janeiro de 2002, é um projecto da Companhia de Seguros Fidelidade Mundial que, aproveitando a localização privilegiada de um dos seus edifícios centrais, decidiu participar nas iniciativas de reabilitação do Chiado através da criação de um espaço de divulgação da arte contemporânea.

Três degraus, uma laje

Desde a sua abertura ao público, no ano de 2002, o espaço expositivo do Chiado 8 conheceu diversas alterações. Não só o número de salas dedicadas à apresentação de obras de arte cresceu, como as suas características foram sendo alvo de uma aturada e conscienciosa transformação no sentido de as aproximar, tanto quanto possível, do cânone a que se convencionou chamar 'cubo branco'. Como consequência directa dessa aproximação, as galerias do Chiado 8 estão hoje dotadas de paredes imaculadamente brancas, de textura acetinada e mate, assumindo-se como a porção de nada que assegura a prevalência de tudo o que nelas se apresenta; o pavimento sobre o qual se desloca o espectador é composto por material sintético, evitando a presença de juntas, prevenindo a ocorrência de ruídos involuntários e minimizando as hipóteses de que ele mesmo se torne um obstáculo; todas as fontes de luz provêm agora dos tectos, garantindo a estabilidade das condições lumínicas e permitindo a sua fácil adequação às necessidades das obras expostas, seja em termos da sua percepção, seja em termos da sua conservação. Como acontece com a maioria dos espaços expositivos que hoje frequentamos, as galerias do Chiado 8 transformaram-se num sofisticado instrumento ao serviço da experiência do objecto artístico; mais ainda, transformaram-se numa tecnologia em si mesma, num sistema orientado por um *ideal de experiência* que precede o próprio objecto artístico, que o cauciona e o contextualiza enquanto tal.

Fruto de uma longa evolução, a história do cubo branco é indissociável da história do período moderno e de algumas das suas aspirações. Se, por um lado, todas as suas características são justificáveis à luz de uma imperativa optimização das condições de preservação e apresentação da obra, por outro, o cubo branco foi o baluarte de uma concepção que determinava a sala de exposições como um espaço isento de qualquer remanescente social, geográfico ou temporal – no fundo, o lugar da suspensão de tudo o que pudesse interferir com o desenvolvimento de uma pura experiência estética. Naturalmente, o branqueamento da matriz colonialista dos primeiros museus, aliada a uma progressiva necessidade de reforçar objectivamente a autonomia da arte, foram factores que contribuíram de forma essencial para a estabilização do cubo branco, em meados do século XX, como o produto acabado da neutralidade e, por isso mesmo, como a mais democrática das plataformas de apresentação. Porém, todo o esforço de neutralização a que o espaço expositivo foi sujeito durante este processo acabou por torná-lo também um símbolo daquilo que Brian O'Doherty descreveu como "a alienação do artista em relação à sociedade a que a própria galeria fornece acesso"[1].

Os dois projectos que Armanda Duarte (Praia do Ribatejo, 1961) agora apresenta no Chiado 8 dirigem-se de forma muito evidente à problemática que acabámos de enunciar. De facto, uma parte importante do trabalho que esta artista tem vindo a desenvolver, desde meados da década de 1980, está intimamente ligada à especificidade do lugar que acolhe as suas peças. Mais do que a observação das suas características espaciais e arquitectónicas, é a vivência do lugar, enquanto realidade material carregada de uma memória e de uma identidade, que determina os parâmetros sobre os quais a artista erige a sua proposta[2]. Isso mesmo era patente em *O muro* (2006), apresentado nas ruínas de um espaço oficinal da Fábrica da Pólvora, em Barcarena. Convidada a integrar um grupo de artistas que

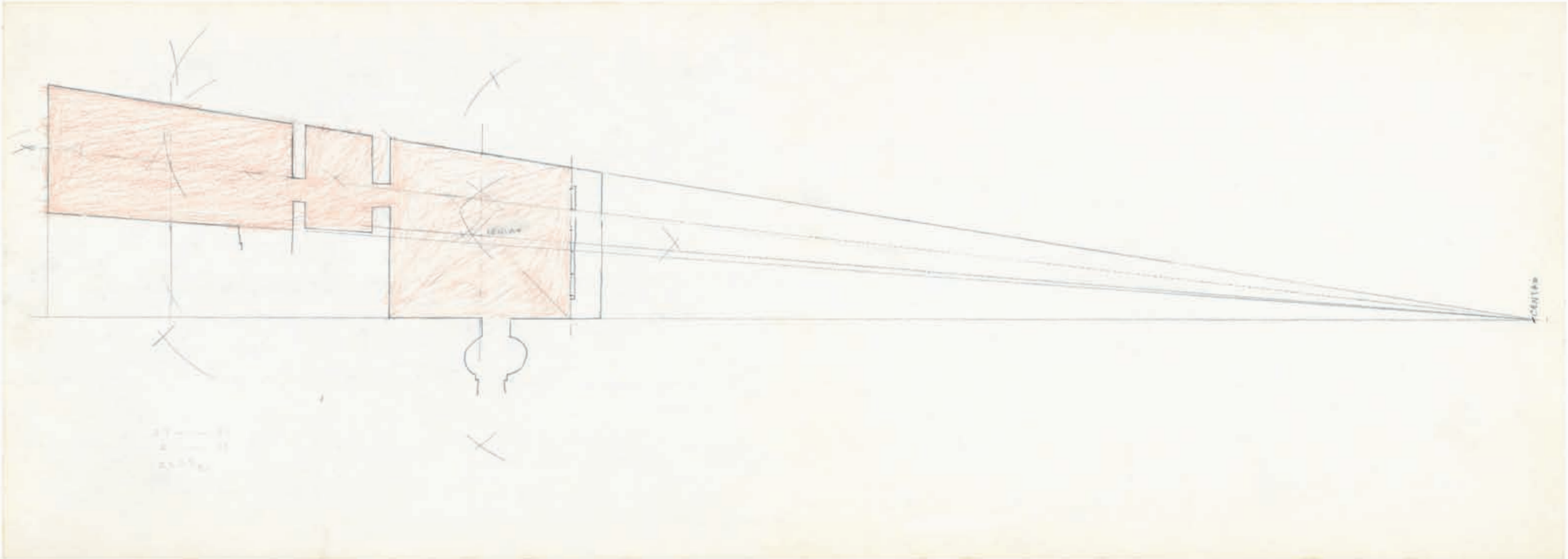
naquele local fixou os seus estúdios durante um mês, a obra que Armanda Duarte desenvolveu ao longo desta residência fundou-se, por um lado, na dinâmica da comunidade provisória que ali se estabeleceu e, por outro, nas paredes muradas que delimitavam o espaço do *atelier* que lhe fora atribuído. A ideia de *atelier* como abrigo e, simultaneamente, como espaço de visita, terá impulsionado o programa da obra: a construção de um muro curvilíneo de dimensões muito reduzidas – chegaria apenas para albergar um corpo de cada vez – constituído por três tipos de materiais distintos: pedras, elementos vegetais e detritos que indicassem uma presença humana. Para a recolha destes materiais, a artista contou com a colaboração não só dos restantes artistas em residência, mas também dos visitantes, cuja contribuição era solicitada por intermédio de discretas frases coladas nas paredes interiores do *atelier*.

Todo o procedimento aplicado na condução deste projecto é paradigmático da postura reactiva que Armanda Duarte adopta, sempre que as condições de trabalho que lhe são facultadas o permitem. Quer isto dizer que, sempre que possível, a artista abandona o espaço do *atelier* e a sua vocação projectiva para procurar no lugar as condições que permitem o encontro entre a respectiva identidade e a sua particular sensibilidade artística. Trata-se, portanto, de um processo de imersão voluntária numa realidade *outra*, de um movimento que tende a contrariar a sua hipotética carga intrusiva e que estabelece a apropriação recíproca como a mais inalienável das suas prerrogativas.

No contexto desta singular predisposição, o encontro entre Armanda Duarte e as salas de exposição do Chiado 8 fez desencadear um conjunto de reacções que se focaram tanto nas características espaciais que o desviam do arquétipo do cubo branco, quanto na constatação de que este é um lugar provisório e circunstancial, cuja função implica um perpétuo retorno ao seu estado vazio e à elisão de quaisquer vestígios da sua própria história. Em certo sentido, o cubo branco é simultaneamente um espaço concreto e um lugar abstracto[3], e as obras que agora se apresentam encontram nesse facto uma referência de base.

Três degraus (2010) toma como ponto de partida o desnível existente entre as duas primeiras e a terceira sala interiores do Chiado 8. Contrariando o efeito de partição espacial que o referido desnível acentua, a artista assumiu este grupo de salas como uma única entidade – um sólido composto – encontrando no desequilíbrio dos seus volumes o elemento que fez desencadear uma resposta corporizada em dois momentos distintos. No primeiro destes momentos, *sopro livre*, encontramos a sala de exposição ocupada por um frágil e discreto objecto composto por 24 esferas de vidro que formam uma coluna vertical com 48 centímetros de altura. Muito mais que um recurso estilístico, a opção por um conjunto de corpos esféricos sobrepostos (por oposição a um sólido monolítico com a mesma altura, por exemplo) é um indício claro da relevância que o acto de contar ganha no âmbito desta peça. Neste sentido, vale a pena sublinhar o modo como a esfera, enquanto correlato tridimensional do ponto, se insinua aqui como a forma por excelência da unidade de medida, o seu símbolo mais sucinto, e aquele que, neste contexto, afirma o objecto escultórico como um gesto no tempo e não apenas como um corpo no espaço.

Do local onde *sopro livre* está instalada é possível antever o segundo momento que compõe esta obra. Para o alcançar, o espectador terá de descer os três degraus



que vencem o desnível entre as salas e cujas alturas perfazem exactamente 48 centímetros. Abeirando-se dos degraus, talvez não seja ainda óbvio para o espectador o modo como o seu corpo ocupa o lugar de eixo no jogo de simetrias que a artista fez despoletar entre a coluna de vidro e a medida dos degraus. Contudo, ao encontrar *ângulo de repouso*, será inevitável pressentir que o volume de areia ali depositado descansa, ele mesmo, sobre uma lógica que enquadra todos os elementos até agora referidos. De facto, os 31 metros cúbicos de areia presentes nesta sala correspondem à totalidade do volume das duas salas anteriores medido à altura de 48 centímetros. Significa isto que, em termos puramente processuais, *ângulo de repouso* oferece ao espectador o resultado material de um simples rebatimento volumétrico. Todavia, por entre a simplicidade deste movimento escondem-se um poderoso acto de representação espacial e um gesto artístico que admite intervir no espaço, não propriamente para se lhe sobrepor, mas antes para o revelar.

Efectivamente, os procedimentos de cariz matemático que subjazem a *Três degraus* estão totalmente vocacionados para um acto representativo, no sentido em que a representação pode ser entendida como o esforço de mostrar o mesmo por meios diversos. Assim como dizer a soma das partes equivale a dizer o resultado, também a soma das peças desenvolvidas pela artista para este espaço procura equivaler ao espaço em si mesmo, tomando-o simultaneamente como veículo e como objecto da experiência do espectador. Talvez por isso não seja de todo inusitado que desta ocupação resulte sobretudo uma sensação de vazio – é essa a identidade do cubo branco, a sua condição primeira, e aquela que a artista aceitou tratar.

O mesmo tipo de programa está na origem da segunda obra desta exposição. Embora *Uma laje* (2010) mantenha os objectivos e o tipo de abordagem presente em *Três degraus*, as características da sala em que está instalada ditaram todo um outro conjunto de reacções por parte da artista. A primeira, e talvez a mais perturbadora destas características, encontra-se no facto de, ao contrário do que acontece com as salas anteriores, esta não ser reservada apenas à apresentação de obras de arte. A sua localização na orgânica do edifício determina que funcione também como zona de acesso ao jardim, o que não só lhe confere uma vivência funcional, como justifica os compromissos arquitectónicos que ali tiveram lugar e que são desvios evidentes ao ideal da sala de exposições. De entre estes, dois assumiram preponderância na resposta da artista a este espaço, a saber, a descontinuidade das paredes e a grelha reticular de lajes que revestem o chão.

Funcionando como unidade de medida *readymade*, uma destas lajes foi preenchida com *coisas redondas e tangentes* que a artista recolheu nos lugares físicos, mentais e emocionais que visitou durante o período que antecedeu a exposição. As noções de medida e de equivalência ocupam novamente o lugar central na estrutura criativa, sendo que, neste primeiro momento, a representação espacial da sala está apenas enunciada. Para a sua concretização, Armanda Duarte estabeleceu um elaborado processo de conversão que implicou a criação de um *desenho intermédio* constituído por um inventário exaustivo das espessuras e perímetros dos objectos dispostos na laje. Desempenhando a função de mapa de trabalho, esta peça contém ainda a indicação das diferentes formas gráficas que a artista fez corresponder às espessuras dos objectos inventariados (e que vão do ponto a

círculos e circunferências de diversos diâmetros), bem como a expressão de grafite com que deverão ser produzidos (do H ao 9B). O terceiro momento desta obra consubstancia-se num desenho mural que corre pelas quatro paredes *ao nível dos olhos*, e que é composto pelas formas que acima mencionámos, multiplicadas pelo número de lajes existentes no interior da sala. Uma vez completo, este desenho constituirá uma representação exacta da área do espaço que o acolhe, na forma de uma gigantesca sequência de módulos gráficos.

Ao contrário das directivas que orientaram *Três degraus*, onde os procedimentos levados a cabo pela artista tiveram como objectivo o máximo despojamento e contenção, *Uma laje* é particularmente reveladora de todo o processo que lhe subjaz. Para além do acesso ao *desenho intermédio* – cujo estatuto não deixa de ser também o de um documento que remete para a feitura da obra –, alguns dos visitantes poderão ainda encontrar, durante o período de exposição, outros artistas empenhados na conclusão do laborioso desenho de parede. Na esteira do que acontecia em *O muro*, estes artistas enformam, com Armanda Duarte, uma comunidade cujo lugar é a obra e cujas relações são inevitavelmente orientadas pela simbólica diluição das partes no todo. E se foi a própria sala, como lugar miscigenado entre a sua vocação expositiva e a sua condição funcional, que autorizou a irrupção do quotidiano nesta obra, foi a noção de prática artística como gesto colaborativo (com o espaço, com os materiais e com uma comunidade de pares) que ditou o seu programa, o seu método, e a sua forma.

Três degraus, uma laje é o resultado de uma profunda reflexão sobre o Chiado 8 enquanto espaço expositivo. Renunciando à hipótese de o entender como uma mera plataforma de apresentação, Armanda Duarte tornou-o no objecto da própria exposição e sujeitou-o a um conjunto de criteriosos estudos de ordem formal, perceptiva, fenomenológica e mesmo política. Em consonância com alguns dos projectos que a artista desenvolveu nas últimas três décadas, as obras nascidas deste exercício assumem o estatuto de condutores da nossa atenção para a realidade material, sensível e contextual que as envolve e suporta. É de um esforço de tradução que aqui se trata; da tradução de uma vivência que se ateve à especificidade do lugar, que se demorou nos seus detalhes e perscrutou a sua essência, não propriamente para a transformar, mas para sobre ela fazer deflagrar a experiência do espectador.

1
Brian O'Doherty, *Inside the White Cube – The Ideology of the Gallery Space*, Berkeley / Los Angeles / Londres: University of California Press, 1986, p. 80.

2
Uma análise sobre a noção de 'lugar', por oposição à noção de local, no âmbito das práticas artísticas pode ser encontrada em Miwon Kwon, *One Place after Another – Site Specific Art and Locational Identity*, Cambrige, Massachussetts / Londres: MIT Press, 2002.

3
Embora a ideia de 'não-lugar' paire sobre toda esta argumentação, é nossa convicção que o cubo branco não tem cabimento no conceito original de Marc Augé.

Lista de obras

Três degraus, 2010

Sopro livre
Vinte e quatro esferas
de vidro
48 × 2 × 2 cm

Ângulo de repouso
Areia branca e fina
31 m^3

Uma laje, 2010

Coisas redondas e tangentes
Aproximadamente 150
objectos redondos e
tangentes entre si
Materiais diversos
20 × 52 × 83 cm

Ao nível dos olhos
Grafite (a executar ao
longo da exposição)
c. 180 metros lineares

Desenho Intermédio
Grafite sobre papel
29 × 23 cm
(caderno fechado)

Projecto de exposições (2009-2012)
Miguel Wandschneider (Culturgest)
Coordenação
Gabinete de Comunicação e Imagem (Fidelidade Mundial)
Curador
Bruno Marchand
Coordenação de produção e de montagem
António Sequeira Lopes (Culturgest)
Montagem
Fernando Teixeira
André Lemos
Laurindo Marta
Nelson Melo
Paulo Rebelo
Assistentes da artista
Ana Eliseu
Andrea Brandão
Cláudia Realista
Marta Caldas
Rui Aleixo

Catálogo

Texto
Bruno Marchand
Desenho
Pedro Falcão
Proporção
[A5] – 14,8 × 21 cm
Tipo de letra
New Rail Alphabet
Coordenação editorial
Rosário Sousa Machado (Culturgest)
Revisão de provas
am edições / António alves martins
Impressão e acabamento
Gráfica Maiadouro
Tiragem
1300 exemplares

ISBN
978-972-769-074-9

A artista gostaria de agradecer a Eugénia Rufino, Gonçalo Ruivo, Joana Zúquete, José Luís Liberato, Pedro Zúquete da Costa, Robert Wiley e ainda ao VICARTE (Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa) pela colaboração prestada na realização desta exposição.

CHIADO 8 – ARTE CONTEMPORÂNEA
Largo do Chiado, n.º 8 / 1249-125 Lisboa
Tel. 213.237.346 / www.fidelidademundial.pt

01.10
03.12.2010

Culturgest

Armanda Duarte nasceu na Praia do Ribatejo, em 1961. Vive e trabalha em Lisboa. É licenciada em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian (1996 e 2006) e da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Lisboa (2001). As suas exposições individuais incluem: *Armanda Duarte: A Noite d'A Roda Rotunda*, Ateneu Casapiano, Lisboa (1988); *Armanda Duarte. Pintura*, Galeria Monumental/Bertrand, Lisboa (1989); *Também devem ser semeadas logo que deixam a árvore que lhes deu origem*, Sala do Veado, Museu Nacional de História Natural, Lisboa (1993); *Armanda Duarte. Sopro frio nas orelhas*, Sala do Veado, Museu Nacional de História Natural, Lisboa (1999); *Various modes of a wing development*, ANJE, Faro (1999); *Armanda Duarte: O último passeio e a luz do meu atelier*, Galeria Paula Fampa, Braga (2001); *Os livros da Matilde*, Room Project (casa particular), Lisboa (2001); *Sombrinhas*, instalação nas escadas de um prédio de habitação, Lisboa (2005); *Duas vezes*, Vera Cortês Art Agency, Lisboa (2005); *Uma combinação: Armanda Duarte*, Plataforma Revólver, Lisboa (2008); *Subtracções*, Galeria Caroline Pagès, Lisboa (2008); *Uma combinação* (2), Centre d'Art La BF15, Lyon (2009). Das exposições colectivas em que participou, destacam-se: *Linha de costa: zeitenossische Kunst aus Portugal / Contemporary art from Portugal*, Künstlerwerkstatt Lothringer Strasse e Europäisches Patentamt, Munique (1997); *Touching*, Sagacho Exhibit Space, Tokyo (1997); *Um oceano inteiro para nadar*, Culturgest, Lisboa (2000); I Prémio de Escultura City Desk, Centro Cultural de Cascais, Fundação D. Luís I, Cascais (2001); *Mediterrâneo: um novo muro?*, Culturgest, Lisboa (2001); *Arte contemporânea – Colecção Caixa Geral de Depósitos (novas aquisições)*, Culturgest, Porto (2002); *Proximidades e acessos – A colecção Ivo Martins*, Culturgest, Porto (2004); *Steam Shop Project*, Fábrica da Pólvora de Barcarena, Oeiras (2007); *Jardim aberto*, *escultura nos jardins do Palácio de Belém*, Lisboa (2007); *Armanda D., Ângela F., Ana V., Fernanda F., Maria L., Susanne T.*, Centro Cultural de Lagos, Lagos (2007); *A luz, por dentro*, Quinta da Fonte da Pipa, Loulé (2009); *Espacio Atlantico*, Galeria Caroline Pagès, Feira de Arte de Vigo, Lisboa (2010). Armanda Duarte colaborou na concepção de alguns projectos editoriais, de que se destacam: *Project Room*, NUMERO #5 Magazine (2000); Adília Lopes, *César a César*, Edições & Etc. (2003); *Surface*, DIF Magazine (2003); Adília Lopes, *Poemas Novos*, Edições & Etc. (2004); Adília Lopes, *Le vitrail la nuit e a árvore cortada*, Edições & Etc. (2005). Armanda Duarte é representada pela Galeria Caroline Pagès, Lisboa.

Três degraus, uma laje